

ESCREVO-LHE PARA ALIVIAR A MINHA DOR...

Cláudia Carneiro

Cara amiga,

Decidi escrever-lhe na tentativa de aliviar a sua dor, a de uma mãe que dorme o sono cansado das mães e acorda com a notícia de uma doença crônica diagnosticada no filho. Agora o mal-estar súbito da última semana está esclarecido: serão dias incontáveis de monitoramento dos níveis de açúcar no sangue, noites longas em vigília, sonhos interrompidos pela ameaça de uma hipoglicemia, hiper, seja lá o que for, a vida a lançou num estado sombrio de solidão, de mãos dadas com seu filho.

– Mãe, eu odeio essa história de não poder comer pão! Que droga!

– É uma droga mesmo, filho. Eu também odeio essa história, mas a gente vai aprender a conviver com isso. Juntos!

De fato, podemos estar com o outro e nos identificar com o seu sofrimento – e agora descubro que lhe escrevo para aliviar a minha dor! Mas solidão não é coisa que podemos escolher ou afastar. Sentimos. Porque somos seres solitários. E quando vem de impacto, de rasteira, solidão não tem antídoto que neutralize o sentimento de desamparo, da falta. Ironia do destino humano: a solidão é nossa companheira na *insustentável leveza* da condição de existir. Nos sucessivos reencontros com a perda: a doença, a separação, a morte.

Você soube que o governo britânico acaba de criar um ministério da solidão? A primeira-ministra prometeu uma estratégia que inclui políticas públicas para lidar com “essa triste realidade da vida moderna”. O Reino Unido decidiu combater a solidão baseado na estatística de que 9 milhões de pessoas, entre jovens e idosos, sentem-se sozinhas. Nos Estados Unidos, mais de 40% dos americanos adultos dizem se sentir sozinhos, o que levou estudiosos do tema a declararem que o país vive uma “epidemia de solidão”.

Somos invadidos todos os dias por ideias e discursos que cultivam a autonomia, o bem-estar individual e a alienação a objetos de consumo que prometem preencher o vazio da vida moderna. Discute-se também diariamente a função da internet em nossas vidas: causa ou efeito da solidão? O sentimento generalizado de solidão na sociedade contemporânea parece não diminuir com as

ferramentas cada vez mais sofisticadas de comunicação e interação – o que não quer dizer necessariamente contato afetivo com o outro.

Conheci a solidão ainda criança, quando a vi nos olhos de minha mãe, ao receber a notícia da morte de seu pai e sair desatinada pela casa, sem rumo e sem palavra. Somente lágrimas. Eu não podia alcançá-la, consolá-la. Diante do vazio súbito que arrombou minha alma menina, eu me vi só. Em minha imaginação infantil, era como a fuga de um meteoro rasgando o céu para cima e para longe, rumo ao infinito que devia ser gelado. O cosmos repleto de corpos celestes não muda o vazio que habita um meteoro. Aprendi mais tarde que esta forma de solidão é vivenciada como sentimento de desamparo. Repetição de um estado de ser perdido nos primórdios do tempo e reencontrado a cada vez que a realidade acusa que o cordão umbilical foi cortado para sempre. E só desse modo se pode viver, tentando ser a gente mesma.

Então, a solidão está na origem de todo sofrimento? Ela deve ser temida, evitada? Proponho, minha cara, que você não a encare como inimiga, mas a entenda como um caminho para um encontro seu com você mesma e extraia dela a experiência de um contato vivo com seu mundo interno. Quando ousamos nos visitar, entrar em contato com nossas faltas, nossos afetos, a vida interior, não estamos exatamente sozinhos. Nosso mundo simbólico, com todas as pessoas e os afetos que nos povoam, é que nos permite amar e estar verdadeiramente com o outro.



Cláudia Carneiro é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e editora do jornal *Associação Livre*.